



ISSN: 2230-9926

Available online at <http://www.journalijdr.com>

IJDR

International Journal of Development Research

Vol. 11, Issue, 11, pp. 51955-51957, November, 2021

<https://doi.org/10.37118/ijdr.23497.11.2021>



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

ESTADO NUTRICIONAL DE CRIANÇAS DE 0 A 5 ANOS NA REGIÃO CENTRO-OESTE BRASILEIRA

Pedro Inácio Oliveira Lopes^{1,*}, Raimundo Guilherme Oliveira Lopes², Fernanda Pereira Pippi², Marina Pires Ferreira da Silva², Aryanne de Souza Silva³, Micaelly Faria Costa de Oliveira³, Mayara Reis Sardinha³, André Eduardo Rodtmund Petry³, Shaidy Alves Boaventura³, Bruna Santos Machado⁵, Lucas Dilenio Rodrigues⁶ and Lázaro Alves Braga Júnior⁷

¹Médico pela Universidade de Rio Verde, Cirurgia Geral Básica pela Universidade de Rio Verde, ²Acadêmico de medicina na Universidade de Rio Verde, ³Acadêmico de medicina da Faculdade Ceres, ⁴Médico pela Universidade Atenas, Cirurgião Geral pelo Hospital de Urgências de Goiânia, ⁵Médica pela Universidade de Uberaba, ⁶Médico pela Universidade de Rio Verde, Residente de Ginecologia e Obstetrícia pela Universidade de Rio Verde, ⁷Médico pela Universidade Federal de Tocantins

ARTICLE INFO

Article History:

Received 15th August, 2021

Received in revised form

16th September, 2021

Accepted 10th October, 2021

Published online 28th November, 2021

Key Words:

Crianças, Nutrição, Brasil, Centro-Oeste.

*Corresponding author:

Pedro Inácio Oliveira Lopes

ABSTRACT

Há uma grande associação de múltiplos fatores que determinaram essa grande quantidade de crianças com desvio de IMC, esse aspecto multifatorial pode ser um determinante de condições de vida, saneamento, representando fatores sociais e econômicos. Crianças saudáveis tem uma maior probabilidade de aprendizado, interação social, menor risco de desenvolverem doenças e desta forma criar maiores oportunidade para quebrar o ciclo de pobreza e fome que assola o planeta. Os resultados do presente estudo demonstraram que para a população do sexo masculino branca da região centro-oeste apresentaram que a maioria das crianças de 0 a 5 anos apresentam peso adequado para a idade (59,94%), sendo que o sobrepeso representa 7,91% e a obesidade 7,44%, totalizando 15,35%. Já se tratando do sexo feminino observou-se que a raça Parda, Branca e Negra apresentam os melhores índices de eutrofia, sendo a indígena a pior. Em relação ao sobrepeso a raça indígena de destacou apresentando taxas de 8,31%. Assim como para homens, a raça indígena representou os maiores índices (9,59%). Conclui-se que os dados encontrados no Centro-Oeste se mostram minimamente superiores ao Brasil, o que pode estar relacionado com um maior índice de alfabetização e instrução dessa população. Ademais vale ressaltar que houve um aumento da eutrofia nas crianças de 0 a 5 anos na região de 2014 a 2019, o que leva a crer que a cultura de conscientização de uma alimentação saudável está sendo difundida.

Copyright © 2021, Pedro Inácio Oliveira Lopes et al. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: **Pedro Inácio Oliveira Lopes, Raimundo Guilherme Oliveira Lopes, Fernanda Pereira Pippi, Marina Pires Ferreira da Silva et al.** "Estado nutricional de crianças de 0 a 5 anos na região centro-oeste brasileira", *International Journal of Development Research*, 11, (11), 51955-51957.

INTRODUCTION

No mundo cerca de 42 milhões de crianças encontram-se acima do peso e cerca de 101 milhões está abaixo do peso, o que representa números alarmantes para crianças nos primeiros anos de vida (World Health Organization, 2012). Há uma grande associação de múltiplos fatores que determinaram essa grande quantidade de crianças com desvio de IMC, esse aspecto multifatorial pode ser um determinante de condições de vida, saneamento, representando fatores sociais e econômicos, além disso pode-se associar fatores como raça e regiões demográficas e suas respectivas evoluções.

O Brasil é um país que apresenta 8.516.000 Km², apresentando uma grande polarização de sua população (World Health Organization, 2021). A boa nutrição é uma vertente extremamente importante para o desenvolvimento das crianças, ela está relacionada à melhoria da saúde infantil e materna, sistemas imunológicos mais fortes, gravidez e parto mais seguros, menor risco de doenças não transmissíveis (como diabetes e doenças cardiovasculares) e longevidade. Crianças que fazem uma boa ingestão de alimentos com vitaminas, cereais, carboidratos, proteínas em níveis adequado tem maiores chances de serem saudáveis (Leal, 2012). Crianças saudáveis tem uma maior probabilidade de aprendizado, interação social, menor risco de desenvolverem doenças e desta forma criar maiores oportunidade para quebrar o ciclo de pobreza e fome que assola o planeta.

A desnutrição representa grande ameaça à saúde humana e hoje representa uma carga dupla em conjunto com a obesidade, representando o aumento do risco de morbimortalidade, em especial, em países de baixo e média renda, como o Brasil (Leal, 2012). Este arquivo de fatos explora os riscos apresentados por todas as formas de desnutrição, desde os estágios iniciais de desenvolvimento, e as respostas que o sistema de saúde pode dar diretamente e por meio de sua influência em outros setores, particularmente o sistema alimentar (Leal, 2012). O objetivo desse estudo é verificar estado nutricional de crianças de zero a cinco anos de idade no Brasil de 2009 a 2019 na região Centro-Oeste e correlacioná-lo as diferenças etnias (Leal, 2012).

MÉTODOS

Trata-se de um estudo descritivo e transversal, no qual foram coletados dados sobre o estado nutricional de crianças de zero a cinco anos, fornecidos pelo Ministério da Saúde, através do site do Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional (SISVAN). O Epidemiologia e Políticas Públicas de Saúde 276 estado nutricional foi analisado pelo índice de massa corporal (IMC), nos anos de 2009 a 2019, no Brasil e suas regiões (Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul) e classificado por etnia (branca, preta, parda, amarela e indígena). Cruzaram-se as informações para que se pudesse verificar a correlação de IMC com as regiões do país e etnias.

Foi utilizada a classificação do IMC fornecida pelo Ministério da Saúde e SISVAN que inclui: magreza acentuada (escore $z < -3$ ou $IMC < 16$), magreza (escore $z \geq -3$ e < 2 ou $IMC 16$ a $18,4$), eutrofia (escore $z > -2$ e $\leq +1$ ou $IMC 18,5$ a $24,9$), risco de sobrepeso (escore $z > +1$ e $\leq +2$ ou $IMC 25$ a $29,9$), sobrepeso (escore $z \geq +2$ e $< +3$ ou IMC de 30 a $34,5$) e obesidade (escore $z \geq +3$ ou $IMC \geq 35$), descartando a velha classificação de desnutrição pois sabe-se que o seu diagnóstico é muito mais complexo, incluindo IMC, porcentagem de gordura, porcentagem de massa muscular, parâmetros bioquímicos e alimentares. Entretanto vale ressaltar que a magreza acentuada está intimamente relacionada à desnutrição (Vegine, 2011). Para as análises estatísticas, utilizou-se o teste de igualdade de duas proporções, regressão linear e p-valor. Para este trabalho, o nível de significância foi de 0,05 (5%). Lembra-se, também, que todos os intervalos de confiança construídos ao longo do trabalho, foram construídos com 95% de confiança estatística.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados encontrados (tabela 1) para a população do sexo masculino branca da região centro-oeste apresentaram que a maioria das crianças de 0 a 5 anos apresentam peso adequado para a idade (59,94%), sendo que o sobrepeso representa 7,91% e a obesidade 7,44%, totalizando 15,35%. Quando se referiu a raça negra, observou-se que foi a raça com maior índice de magreza acentuada com 3,8%, em contrapartida, também foi a que apresentou o maior índice de eutrofia (60,55%), as taxas de sobrepeso e obesidade para essa raça somaram 14,96%. Na tabela 2 podemos encontrar a mesma comparação citada anteriormente, porém para o sexo feminino, observamos que a raça Parda, Branca e Negra apresentam os melhores índices de eutrofia, sendo a indígena a pior. Em relação ao sobrepeso a raça indígena de destacou apresentando taxas de 8,31%. Assim como para homens, a raça indígena representou os maiores índices (9,59%). Ao analisar as taxas de magreza acentuada a região Centro-oeste apresentou em sua maioria índices piores (taxas mais elevadas) ao se comparar com as taxas encontradas no Brasil, entretanto as curvas se mostraram extremamente parecidas, se confluindo em algumas vezes (gráfico 1).

Já se tratando da eutrofia o Centro-Oeste apresentou taxas acima no nível nacional, mostrando que, ao se comparar com o Brasil, a região possui uma porcentagem maior de crianças de 0 a 5 anos com IMC normal, sendo um dado extremamente importante para se verificar que a alimentação pode estar sendo mais adequada se comparada com o resto do país.

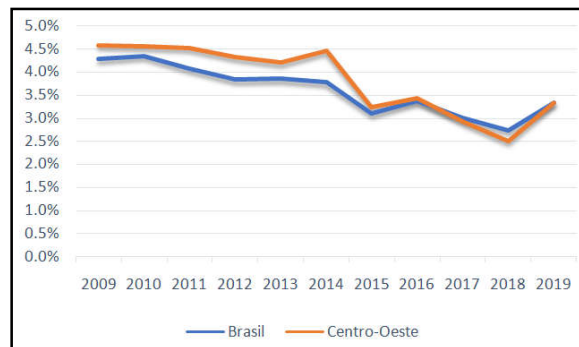


Gráfico 1. Evolução do Índice de "Magreza Acentuada" por Região e Brasil

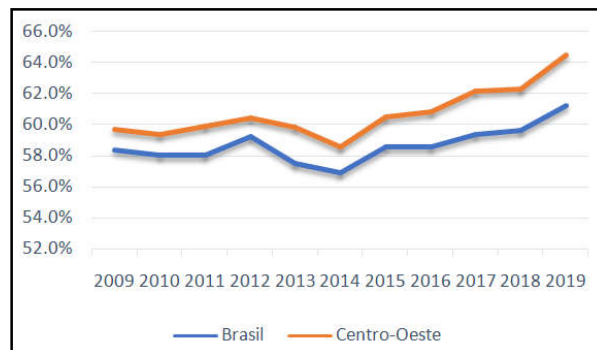


Gráfico 2. Evolução do Índice de "Eutrofia" por Região e Brasil

Em relação as regiões, o Centro-Oeste apresentou em 2019, 4,9% de taxa de analfabetismo sendo bem menor que a geral do Brasil que foi de 6,6% para a população de 15 anos ou mais, isso pode explicar índices melhores de eutrofia nesta região (IBGE, 2019).

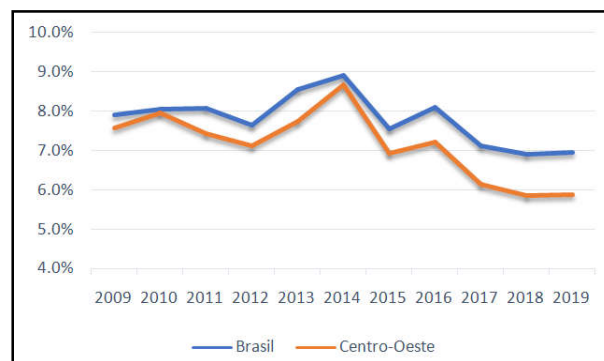


Gráfico 3. Evolução do Índice de "Obesidade" por Região e Brasil

Não obstante, quando o assunto era a obesidade, o Brasil apresentou índices mais altos de obesidade ao se comparar com a região Centro-Oeste, ou seja, os índices nacionais estavam relatando um maior número de casos de obesidade. Apresentando, novamente, a possibilidade de uma melhor ingestão de alimentos da população do Centro-Oeste em comparação com a população geral (IBGE, 2019). O IBGE (2019) indicou taxas de escolaridade e analfabetismo semelhantes entre o Brasil e o Centro-Oeste, este fator pode explicar o fato de os índices de magreza acentuada, Eutrofia e Obesidade serem similares. Os dados apresentados em 2019, demonstraram que o Brasil apresenta como média de anos de estudo 9,4 anos, enquanto o Centro-Oeste 9,8. Esse fator pode indicar correlação entre nível educacional e possibilidade de entendimento da importância de uma boa nutrição. O documento apresentou, ainda, que a taxa de analfabetismo para o grupo de idade de 15 anos ou mais de 6,6%, 7,9%, para 25 anos ou mais e de 11,1% em 40 anos ou mais, totalizando podendo influenciar em como essas mães alimentam seus filhos.

Tabela 1. Compara Homens e Etnia

	Magreza Acentuada		Magreza		Eutrofia		Risco de Sobrepeso		Sobrepeso		Obesidade		Total
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	
Branca	10.467	3,43%	9.409	3,08%	182.892	59,94%	55.526	18,20%	24.124	7,91%	22.696	7,44%	305.114
Negra	953	3,80%	851	3,40%	15.171	60,55%	4.330	17,28%	1.869	7,46%	1.880	7,50%	25.054
Parda	13.199	3,79%	11.605	3,33%	210.201	60,41%	60.772	17,46%	26.509	7,62%	25.694	7,38%	347.980
Amarela	10.966	3,78%	9.505	3,28%	173.500	59,83%	50.928	17,56%	22.871	7,89%	22.223	7,66%	289.993
Indígena	1.208	3,74%	783	2,42%	17.079	52,81%	7.930	24,52%	3.102	9,59%	2.240	6,93%	32.342

Tabela 2. Compara Homens e Etnia

	Magreza Acentuada		Magreza		Eutrofia		Risco de Sobrepeso		Sobrepeso		Obesidade		Total
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	
Branca	10.727	3,23%	10.058	3,03%	206.118	62,09%	58.318	17,57%	24.962	7,52%	21.784	6,56%	331.967
Negra	956	3,90%	878	3,58%	15.322	62,55%	3.943	16,10%	1.727	7,05%	1.670	6,82%	24.496
Parda	11.308	3,46%	10.862	3,32%	206.733	63,26%	54.072	16,55%	23.043	7,05%	20.783	6,36%	326.801
Amarela	12.279	3,77%	10.634	3,27%	201.100	61,80%	54.989	16,90%	24.101	7,41%	22.306	6,85%	325.409
Indígena	1.060	3,05%	782	2,25%	19.897	57,18%	8.146	23,41%	2.891	8,31%	2.019	5,80%	34.795

Outro dado importante que os dados do IBGE trouxeram foi que as taxas de analfabetismo são maiores nas raças preta ou parda, em relação a branca (8,9 e 3,6%, respectivamente). Outro fator interessante foi que os níveis de eutrofia (IMC normal) tiveram índices mais baixos na população indígena, a qual possui escolaridade mais baixa, fator que se pode correlacionar com pouco conhecimento de uma dieta adequada (IBGE, 2019). Estudos apontam a população indígena apresenta 60% de chance maior de mortalidade na infância que a população brasileira no geral e esses fatores são relacionados a falta de saneamento básico, medicamentos, marginalização e pouco investimento do poder público. Além disso o acesso desatualizado a produtos industrializados pode influenciar, também, aos achados nesse estudo sobre as altas taxas de sobrepeso em indígenas da região Centro-Oeste (BARRETO, 2018). Concomitante a isso, observou-se no Brasil, que apesar de ser um país em médio desenvolvimento, as taxas de eutrofia vem apresentando crescimento constante desde 2014, o que significa um ganho significativo para o país. Entretanto vale ressaltar que o país passa por uma transição, a qual é mostrada pelos estudos de Monteiro *et al.* (2016) e Claro *et al.* (2015), o qual demonstra que há um déficit de gasto energético em crianças e adolescentes, associado a um padrão alimentar voltado para o consumo de sucos artificiais, refrigerantes, doces e produtos industrializados, que apresentam baixo valor nutricional (Monteiro, 2016; Claro, 2015).

CONCLUSÃO

Observou-se que os dados encontrados no Centro-Oeste se mostram minimamente superiores ao Brasil, o que pode estar relacionado com um maior índice de alfabetização e instrução dessa população. Ademais vale ressaltar que houve um aumento da eutrofia nas crianças de 0 a 5 anos na região de 2014 a 2019, o que leva a crer que a cultura de conscientização de uma alimentação saudável está sendo difundida. Outro dado importante coletado é que a raça indígena é a que mais apresenta índices de sobrepeso, podendo ser explicado pela inserção de alimentos industrializados na alimentação desta população.

REFERÊNCIAS

- World Health Organization. World Health Statistics 2012. Disponível em: World Health Statistics (who.int). Acesso em: 27 ago. 2021.
- World Health Organization. World Health Nutrition 2021. Disponível em: <https://www.who.int/health-topics/nutrition>. Acesso em: 03 de nov de 2021.
- Leal, V.S. *et al.* Desnutrição e excesso de peso em crianças e adolescentes: uma revisão de estudos brasileiros. Revista Paulista de Pediatria, v. 30, p. 415, 2012.
- Vegine, P.M. *et al.* Avaliação de métodos para identificar desnutrição energético-proteica de pacientes em hemodiálise. Jornal Brasileiro de Nefrologia, v. 33, n. 1, p. 55-61, 2011.
- IBGE – Instituto Brasileiro DE Geografia E Estatística. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, 2019. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101736_informativo.pdf. Acesso em: 28 set. 2021.
- Barreto, C.T.G. Prevalência de Baixo Peso ao Nascer e Fatores associados em Crianças Indígenas Guarani no Sul e Sudeste: uma análise na linha de base da primeira coorte de nascimentos indígenas no Brasil. 2018. 134 f. Tese (Doutorado em Epidemiologia em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/30883>. Acesso em: 30 out. 2021.
- Monteiro AR, Dumith SC, Gonçalves TS, Cesar JA. Excesso de peso entre jovens de um município do semiárido brasileiro: estudo de base populacional. Cien Saude Coletiva; 21(4):1157-64, 2016.
- Claro RM, Santos MAS, Oliveira TP, Pereira CA, Szwarcwald CL, Malta DC. Consumo de alimentos não saudáveis relacionados a doenças crônicas não transmissíveis no Brasil: Pesquisa Nacional de Saúde, 2013. Revista Epidemiologia e Serviços de Saúde; 24: 257, 2015.